

educação Lingüística – 2

EDUCAÇÃO LINGÜÍSTICA

1. *Nada na língua é por acaso — Por uma pedagogia da variação lingüística*
Marcos Bagno, 2ª ed.
2. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*
Luiz Antônio Marcuschi

Luiz Antônio Marcuschi

**PRODUÇÃO TEXTUAL,
ANÁLISE DE GÊNEROS
E COMPREENSÃO**

EDITOR: Marcos Marcionilo

CAPA E PROJETO GRÁFICO: Andréia Custódio

FOTO DA CAPA: Jay Simon - stock.xchng®

CONSELHO EDITORIAL: Ana Maria Stahl Zilles [Unisinos]
Carlos Alberto Faraco [UFPR]
Egon de Oliveira Rangel [PUCSP]
Gilvan Müller de Oliveira [UFSC, IpoI]
Henrique Monteagudo [Univ. de Santiago de Compostela]
Kanavillil Rajagopalan [Unicamp]
Marcos Bagno [UnB]
Maria Marta Pereira Scherre [UFRJ, UnB]
Rachel Gazolla de Andrade [PUC-SP]
Salma Tannus Muchail [PUC-SP]
Stella Maris Bortoni-Ricardo [UnB]

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M277p

Marcuschi, Luiz Antônio, 1946-

Produção textual, análise de gêneros e compreensão / Luiz Antônio

Marcuschi. - São Paulo : Parábola Editorial, 2008.

296p. : . -(Educação linguística ; 2)

Contém exercícios

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-88456-74-7

1. Língua portuguesa - Composição e exercícios. 2. Análise do discurso. 3. Leitura - Estudo e ensino. 4. Lingüística. I. Título. II. Série.

08-1295

CDD: 469.8

CDU : 811.134.3'27

Direitos reservados à
PARÁBOLA EDITORIAL

Rua Sussuarana, 216 - Ipiranga

04281-070 São Paulo, SP

Pabx: [11] 5061-9262 | 5061-1522

home page: www.parabolaeditorial.com.br

e-mail: parabola@parabolaeditorial.com.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão por escrito da Parábola Editorial Ltda.

ISBN: 978-85-88456-74-7

© do texto: Luiz Antônio Marcuschi, 2008

© desta edição: Parábola Editorial, São Paulo, abril de 2008

sumário

9 PREFÁCIO
Cristina Teixeira e Márcia Mendonça

15 APRESENTAÇÃO

17 AGRADECIMENTOS

19 INTRODUÇÃO GERAL

25 PRELIMINARES
BREVE EXCURSO SOBRE A LINGÜÍSTICA NO SÉCULO XX

- A. A construção do objeto dos estudos lingüísticos no século XX, **26**
- B. As dicotomias fundacionais: *langue* e *parole*; *competência* e *desempenho*, **31**
- C. O surgimento das perspectivas funcionalistas, **33**
- D. A derrocada do behaviorismo e o surgimento dos cognitivismos, **34**
- E. As novas tendências a partir dos anos 1950-1960, **38**

SUGESTÕES DE TRABALHO, **45**

Obras de consulta para aprofundamento dos temas tratados, **46**

49 PRIMEIRA PARTE:
1. PROCESSOS DE PRODUÇÃO TEXTUAL

- 1.1. Quando se ensina a língua, o que se ensina?, **50**
- 1.2. Análise da língua com base na produção textual, **51**
- 1.3. Quando se estuda a língua, o que se estuda?, **54**
- 1.4. Noção de língua, texto, textualidade e processos de textualização, **58**
- 1.5. Aprofundando a noção de língua por nós adotada, **61**

- 1.6. Noção de sujeito e subjetividade, **68**
- 1.7. Noção de texto e lingüística de texto, **71**
- 1.8. Relacionando texto, discurso e gênero, **81**
- 1.9. A textualidade e sua inserção situacional e sociocultural, **87**
- 1.10. Critérios de textualização: visão geral, **93**
 - 1.10.1. *Coesão*, **99**
 - 1.10.2. *Coerência*, **119**
 - 1.10.3. *Intencionalidade*, **126**
 - 1.10.4. *Aceitabilidade*, **127**
 - 1.10.5. *Situacionalidade*, **128**
 - 1.10.6. *Intertextualidade*, **129**
 - 1.10.7. *Informatividade*, **132**
- 1.11. Avaliação dos sete critérios da textualidade, **133**
- 1.12. Organização tópica, **134**
- 1.13. Processo referencial, **139**

EXERCÍCIOS DA PRIMEIRA PARTE: PROCESSOS DE PRODUÇÃO TEXTUAL, **142**

145

SEGUNDA PARTE:

2. GÊNEROS TEXTUAIS NO ENSINO DE LÍNGUA

Nota prévia, **146**

- 2.1. O estudo dos gêneros não é novo, mas está na moda, **147**
- 2.2. O estudo dos gêneros mostra o funcionamento da sociedade, **149**
- 2.3. Algumas perspectivas para o estudo dos gêneros, **152**
- 2.4. Noção de *gênero* textual, *tipo* textual e domínio discursivo, **154**
- 2.5. Gêneros textuais como sistema de controle social, **161**
- 2.6. A questão da intergenericidade: que nomes dar aos gêneros?, **163**
- 2.7. A questão intercultural, **171**
- 2.8. A questão do suporte de gêneros textuais, **173**
- 2.9. Análise dos gêneros na oralidade, **186**
- 2.10. A análise de gêneros textuais na relação fala e escrita, **190**
- 2.11. Domínios discursivos e gêneros textuais na oralidade e na escrita, **193**
- 2.12. Distribuição dos gêneros no *continuum* da relação fala-escrita, **196**
- 2.13. Os gêneros emergentes na mídia virtual e o ensino, **198**
- 2.14. A questão dos gêneros e o ensino de língua, **206**
- 2.15. Visão dos PCNs a respeito da questão dos gêneros, **208**
- 2.16. Gêneros textuais na língua falada e escrita de acordo com os PCNs, **209**
- 2.17. Os gêneros textuais em sala de aula: as "*seqüências didáticas*", **211**
- 2.18. A proposta de Bronckart, **221**

EXERCÍCIOS DA SEGUNDA PARTE: ANÁLISE DE GÊNEROS TEXTUAIS, **224**

227

TERCEIRA PARTE:

3. PROCESSOS DE COMPREENSÃO

- 3.1. Leitura e compreensão como trabalho social e não atividade individual, **229**
- 3.2. Breves observações sobre o *sentido literal*, **234**
- 3.3. Compreensão e atividade inferencial , **237**
- 3.4. A importância de conhecer a língua como *trabalho social*, histórico e cognitivo , **240**
- 3.5. A necessidade de tomar o texto como *evento comunicativo*, **241**
- 3.6. Algumas observações sobre o contexto no processo de compreensão, **243**
- 3.7. Noção de inferência, **248**
- 3.8. Compreensão como processo, **256**
- 3.9. A compreensão interdialetoal, **260**
- 3.10. O tratamento da compreensão nos livros didáticos, **266**
- 3.11. Tipologia das perguntas de compreensão nos livros didáticos, **270**
- 3.12. Os descritores para a compreensão textual no ensino fundamental, **274**

EXERCÍCIOS DA TERCEIRA PARTE: PROCESSOS DE COMPREENSÃO, **279**

283

TEMAS SUGERIDOS PARA MONTAGEM DOS PÔSTERES DE AVALIAÇÃO

285

FONTES DE REFERÊNCIA DAS CITAÇÕES

293

ÍNDICE DE NOMES

prefácio

SOBRE O *Mestre*, COM CARINHO



Este prefácio pode causar estranhamento em alguns, pois no lugar de privilegiar o conteúdo da obra, servindo como uma espécie de guia para o leitor, ele coloca a singularidade do autor em primeiro plano. No caso do livro ora lançado, talvez, o estranhamento seja ainda maior, porque o nome de Luiz Antônio Marcuschi, na verdade, dispensa apresentações. Assim, este prefácio seria redundante, /.../ “a não ser que se trate de um texto vazado no registro da amizade”, como bem lembrou Marcos Marcionilo, da Parábola Editorial.

E o que pretendemos aqui é, justamente, dar vazão ao sentimento de amizade e bem-querer que nutrimos por Marcuschi. Somos muitas suas devedoras e seus devedores. E as nossas dívidas são de natureza diversa. Aprendemos com ele uma certa maneira de olhar a linguagem, o sujeito e a vida. O que nos é possível fazer hoje em sala de aula e o sentido que damos a essa prática herdamos dele, em grande parte. Ele trilhou para nós e antes de nós o caminho que hoje percorremos.

Para além do campo teórico e metodológico, aprendemos com ele coisas que nem mesmo suspeita ter-nos ensinado, atitudes que dizem respeito não apenas à postura formal do professor, mas à conduta do homem. Ética, lealdade, tolerância, determinação são algumas delas. Mas, sem dúvida, a virtude que mais se destaca em Marcuschi é sua generosidade. A forma como sempre doou seu conhecimento, seu tempo e sua atenção ao outro causa admiração em todos.

Por tudo isso, o clichê de dizer o quanto nos sentimos honradas pelo convite, no nosso caso, se desfaz em função da densidade intelectual da obra e do autor. É imperativo ressaltar que redigir esta apresentação é um privilégio. Muitos poderiam e desejariam assinar este texto, pois, como nós, sentem

admiração, respeito e profundo afeto por Marcuschi e por seu trabalho. Esperamos que estas pessoas se sintam representadas por nós e pelos demais colegas e ex-alunos(as) ligados à Universidade Federal de Pernambuco – UFPE que assinam este texto. Afinal, os pontos de vista sobre o Marcuschi professor, pesquisador, orientador e colega, que aqui expomos, não são apenas nossos, temos certeza. Passemos, então, a detalhar estas várias faces de Marcuschi.

Seu nome corresponde a um dos maiores expoentes da lingüística. Mas sua projeção vai além da admiração de outros pesquisadores. Trata-se de um acadêmico daqueles que lotam auditórios em suas palestras, “segurando” o público pelos ouvidos até a última palavra, sempre solicitado nos congressos para autografar um livro e posar para uma foto. Os livros e artigos que publicou, as conferências que proferiu, os seminários e cursos que ministrou o tornaram conhecido, procurado e citado no mundo universitário. A erudição de seu conhecimento misturada a um jeito simples de transmitir este mesmo conhecimento faz dele um intelectual admirado por muitos. Sua atuação político-administrativa em instituições como CNPq e Capes apenas confirma seu valor entre os profissionais da área.

10

Mas o Marcuschi das conferências e das publicações é uma *persona*, por assim dizer, “de fora” e nós queremos falar dele de uma perspectiva “de dentro”. O nosso foco é a atuação de Marcuschi como docente na UFPE.

A sala de aula é o *habitat* privilegiado do professor. E para os bons professores, uma aula, mais do que uma tarefa a ser realizada, é uma paixão a ser desfrutada. Quem freqüentou os cursos de Marcuschi se deparava, sempre, com um ser transbordando de paixão. Mas o calhamaço de papéis e os muitos livros que carregava eram a pista de que, por trás da inspiração apaixonada, havia muito trabalho, muito investimento pessoal.

O livro que ora prefaciamos comprova este trabalho, árduo e cotidiano, do Marcuschi professor. Trata-se de um material didático elaborado para a disciplina *Lingüística 3*, ministrada por ele na graduação em Letras da UFPE.

Como é prática nas universidades brasileiras, este material ficava disponível para os alunos numa “pasta”. Apesar de o autor avisar que aqueles textos deveriam ser de uso exclusivo dos alunos da disciplina, a circulação “pirata” na UFPE e em outras universidades, promovida tanto por alunos quanto por professores, de graduação e de pós-graduação, ainda é intensa. Isso indica o quanto o material é precioso e o quanto, hoje, sua publicação se faz oportuna e necessária. O próprio Marcuschi já tencionava transformar a “pasta” em

livro. Inclusive, o original que manuseamos já trazia uma apresentação, um copyright, além da indicação “4ª versão, revista e ampliada”.

Como o próprio autor adverte na apresentação, seu caráter didático, ou seja, o fato de ser um material que tem em vista o aluno e não os pares pesquisadores explica por que, talvez, ele não traga nada de rigorosamente novo para quem atua na área de lingüística de texto. Desde noções de língua, texto e textualidade, passando pelos estudos de gênero até a discussão sobre processos de compreensão, o livro aborda temas debatidos na área.

Marcuschi ressalta ainda que boa parte do material é conhecida, pois, ora são textos já publicados, ora apresentados em congressos, ou, quando não publicados, de ampla circulação no meio acadêmico. Essa característica pode, de fato, ocasionar no leitor uma sensação de já-conhecido, de já-sabido. Mas, apesar dos temas conhecidos, o autor os desenvolve em várias direções, abrangendo temas conexos tão diversos quanto relevantes: critérios de textualização, atividades de compreensão em materiais didáticos, uso intercultural de gêneros, compreensão interdialetoal, instrumentos de avaliação educacional, gêneros emergentes, entre outros.

Apesar do amplo espectro de temas, a importância efetiva do trabalho está menos naquilo *do que* é dito e mais em *como* é dito. É nesse ponto que a grandeza do professor sobressai.

A natureza didática do livro é evidente, especialmente, pela presença de atividades, exemplos ilustrativos, glossários, indicações de obras de consulta para o aprofundamento dos temas tratados e uma série de quadros e tabelas que buscam sistematizar as teorias abordadas. Percebe-se ainda uma progressão de dificuldade das atividades propostas, partindo-se de indagações mais pontuais até pesquisas de campo realizadas pelos alunos e socializadas em pôsteres.

Na tentativa de explicar complexos fenômenos da linguagem, o livro é, ao mesmo tempo, abrangente e sistemático na apresentação das teorias. E vale lembrar a voracidade de leitura de Marcuschi. Ele não apenas remete a teóricos diversos, mas constrói um panorama crítico das diferentes perspectivas de análise sobre um mesmo tema. Nada mais didático para o leitor iniciante.

A sistematização está refletida nos conjuntos de conceitos basilares para cada tema. Marcuschi, porém, não abre mão da profundidade em nome de uma suposta necessidade de adequação ao público leitor. Sua conduta permanente é buscar uma linguagem simples para dar a conhecer o complexo.

A organicidade em termos teóricos indica a condução firme de um pesquisador preocupado com o rigor científico e com a coerência interna na exposição de seu pensamento. Ainda que certos trechos da obra possam parecer textos avulsos, por terem sido produzidos em momentos distintos e reunidos posteriormente para o livro, têm consistência como projeto de conhecimento. De fato, a seleção dos assuntos revela um empreendimento de anos: compilar para alunos de graduação questões referentes aos gêneros textuais, dentro do contínuo fala/escrita, e aos processos de produção e compreensão textual. Tudo isso permeado pela hipótese sociointeracional de base cognitiva. Os assuntos abordados são as velhas e boas questões do sentido, da cognição e da linguagem.

Ainda que se proponha a ser didático, Marcuschi foge da simplificação enganosa e diz aos leitores, logo na apresentação do livro, que não trará receitas, pressupondo o comprometimento do aluno no percurso de leitura, num trabalho colaborativo entre quem ensina e quem aprende. Isso, porém, não significa a ausência de postulações explícitas, como se percebe no trecho “**A produção textual, assim como um jogo coletivo, não é uma atividade unilateral**”.

12

Os exemplos existentes no volume devem ser complementados em sala de aula por outros mais atuais. Eis aqui o perfil de um professor que não se acomoda, que não se esquia do trabalho pesado, que prefere buscar exemplos novos a cada novo curso a estagnar suas reflexões em demonstrações que já deram certo. Essa postura de professor reflete claramente sua atuação como pesquisador, para quem o conhecimento está sempre se refazendo, sempre em processo de construção.

Uma conseqüência inesperada do cuidado de Marcuschi com a reelaboração constante de suas idéias é o “contrabando” de *mimeos* escritos por ele, ainda muito comum nas instituições de ensino de todo o país. Como dificilmente considera suas formulações acabadas o suficiente para publicá-las, a saída, para os interessados naquilo que Marcuschi escreve, é fotocopiar os textos inéditos que circulam entre os colegas.

É essa qualidade de pesquisador cujas idéias sempre estão “saindo do forno” que é ensinada aos alunos por meio de exercícios práticos neste livro. Os próprios alunos têm de construir um glossário dos termos técnicos mais relevantes estudados em cada parte da obra. Em vez de simplesmente apresentar o glossário pronto, Marcuschi investe no aluno principiante, incitando-o a se constituir pesquisador desde a sua formação inicial.

A coragem de não omitir conceitos ainda pouco claros ou precariamente definidos — como é o caso da noção de *suporte* — é outra característica do

pesquisador Marcuschi. Ele explicita para o leitor o quanto certo termo ainda permanece impreciso ou até que ponto ele parece inadequado — “Essa é uma questão complexa que não tem uma decisão clara” (p. 111). Expor francamente os bastidores da elaboração científica, com suas imperfeições e instabilidades, torna pública também a concepção de que pesquisar é uma tentativa incessante e sempre provisória de explicar o mundo.

Nesse contexto, para Marcuschi, a sala de aula constitui um grande laboratório de investigação, onde conhecer não é um ato individual, mas uma ação cooperativa. Ele não se porta como o dono absoluto da sala, mas como um co-participante. Muitas vezes, divide a disciplina com outros, disponibiliza o material antecipadamente e discute as aulas. Superando a pedagogia em que o professor se limita a transmitir ou repetir o já sabido, ele aposta na construção coletiva do conhecimento. Afinal os grandes pesquisadores se aventuram em um curso não para comunicar o que já sabem, mas para pensar sobre uma coisa que desejam muitíssimo conhecer, para lançar um olhar reflexivo sobre algo.

Ao longo do livro, ele cita muita gente, dá crédito a todos, até a quem fez só uma, mas significativa pesquisa. Nos agradecimentos, enfatiza que as idéias apresentadas no livro que ora está sendo publicado surgiram e tomaram corpo durante os últimos dez anos de docência no Departamento de Letras da UFPE e de pesquisa no Núcleo de Estudos Lingüísticos da Fala e da Escrita (NELFE), por ele coordenado. De todos os seus interlocutores — colegas de trabalho, monitores, bolsistas de iniciação científica, alunos de graduação, especialização e pós-graduação — ele agradece as contribuições que enriqueceram sua visão e compreensão das questões que o inquietavam. Agradece de modo particular a seus alunos de *Lingüística 3* que com ele discutiram vários dos temas tratados no livro e, em muitos casos, lhe forneceram sugestões e exemplos. Diz: “Sem esta contribuição, os materiais seriam bem menos atraentes e menos proveitosos”. Essas palavras de Marcuschi mostram que, para ele, o conhecimento é elaborado em encontros, trocas, e interações. Cria-se em função de interlocutores.

E foi nas interações de Marcuschi com seus pares e alunos que esta obra tomou corpo. Agora, os textos antes inéditos, que compuseram a “pasta de *Lingüística 3*”, saem publicados no formato de livro, constituem algo acabado. Mas, para manter a fidelidade ao pensamento de Marcuschi, que, a cada ano, buscava atualizar o conteúdo destas páginas, resta a nós,

pesquisadores e professores da área da lingüística, como afirma Comte-Sponville¹, “continuar essa história que nos precede, que nos gera, que nos habita, que é nossa tarefa, nosso destino, nossa dignidade, enfim, o único lugar possível, para nós”.

CRISTINA TEIXEIRA
MÁRCIA MENDONÇA

Ângela Paiva Dionísio; Anny Querubina Barros; Cinthya Torres Melo; Dóris de Arruda C. da Cunha; Isaltina Maria de Azevedo Mello Gomes; Judith Hoffnagel; Karina Falcone; Kazue Saito Monteiro de Barros; Lícia Heine; Maria da Piedade Moreira de Sá; Marianne Cavalcante; Marígia Aguiar; Sandra Helena D. de Melo; Suzana Cortez

Recife, 8 de abril de 2008

apresentação

“Quando contemplamos o mundo natural que partilhamos com os outros, não perdemos o contato conosco, mas nos reconhecemos como membros de uma sociedade de mentes. /.../ E essa comunidade de mentes é a base do conhecimento e a medida de todas as coisas.”
DONALD DAVIDSON, *Three Varieties of Knowledge*.

“Aquilo que se vê depende do lugar em que foi visto e das outras coisas que foram vistas ao mesmo tempo.”
CLIFFORD GEERTZ, *O saber local*

“A razão é comum a todos, mas as pessoas agem como se tivessem uma razão privada.”
HERÁCLITO, *Fragmento*.

“Sem o Tu não há o Eu”.
FRIEDRICH JACOBI (1743-1819).



Este trabalho, que postula princípios sociointeracionistas, contém a quarta versão dos materiais para o *Curso de Linguística 03* ministrado na Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, no segundo semestre de 2005¹. Trata-se de observações destinadas à leitura dos alunos para o acompanhamento das exposições feitas em aula.

Constam aqui estudos muitas vezes inacabados e idéias preliminares. Em certas passagens, figuram partes de trabalhos editados em revistas, anais, coletâneas e originais não publicados. Por isso podem parecer incompletos e repetitivos. Indicações bibliográficas foram feitas para que cada leitor tenha condições de prosseguir em seu aprofundamento individual.

Os temas estão distribuídos em três partes com tópicos interligados, a saber:

- (i) Produção textual com ênfase na *lingüística de texto* de base cognitiva

1. Na verdade, esta versão deveria ter sido utilizada no segundo semestre de 2005 durante o ano de 2005, mas só veio a ser usada no segundo semestre de 2005 que, por razões várias, inicia-se em janeiro de 2006.

- (ii) Análise sociointerativa de *gêneros textuais* no contínuo fala-escrita
- (iii) Processos de *compreensão textual* e produção de sentido.

As noções de *língua*, *texto*, *gênero*, *compreensão* e *sentido*, bem como o enfoque geral da abordagem, situam-se na perspectiva da *visão sociointeracionista da língua*. Esse tipo de visão recusa-se a considerar a língua como um sistema autônomo e como simples forma. Aqui, a linguagem é vista como *um conjunto de atividades e uma forma de ação*.

Como se sabe, os estudos lingüísticos no século XX foram marcados por dois movimentos relativamente distintos em sua perspectiva analítica: por um lado, temos o projeto *formalista*, que busca analisar a língua *descontextualizada*, dando primazia ao aspecto sintático; por outro lado, temos o movimento *funcionalista*, que busca *recontextualizar* a língua observando-a em seus contextos de uso e com ênfase no estudo do léxico, nos aspectos socioculturais, na interação e na visão cognitiva. Dos anos 80 do século XX para cá, tem crescido de maneira sistemática a segunda perspectiva, que vem se diversificando acentuadamente. É assim que ouvimos denominações bastante variadas para as análises, tais como: *sociointerativa*; *sociodiscursiva*; *socioconstrutiva*; *sociocognitiva* e assim por diante. Trata-se de reintroduzir nos estudos da linguagem o aspecto *social* (entenda-se: *interacional*) de ângulos diversos.

Em suma, estas notas consideram a linguagem contextualizada e em funcionamento. Situam-se na perspectiva da *sociointeração* e da *sociocognição*, o que lhes confere um caráter não-formalista. Mas não se trata de uma visão pragmática clássica na linha de John Austin ou H. P. Grice. As teorias centrais aqui defendidas situam-se no que hoje se chama de *hipótese sociointeracional* de base cognitiva.

Também não se trata de um conjunto de receitas. Tanto assim que a maioria dos exemplos foi posta à parte e será oferecida em aula no ato de exposição. Fontes para leituras complementares são sugeridas em vários momentos, pois aqui estão apenas diretrizes gerais.

Recife, janeiro de 2006
LUIZ ANTÔNIO MARCUSCHI

agradecimentos



Estas notas surgiram e tomaram corpo ao longo dos últimos dez anos, em decorrência das aulas de graduação no Departamento de Letras da UFPE e de pesquisas desenvolvidas no contexto de projetos realizados no NELFE (Núcleo de Estudos Lingüísticos da Fala e da Escrita) por mim coordenado. Este Núcleo conta com várias pesquisadoras colegas de Departamento (Judith Hoffnagel, Dóris de Arruda Carneiro da Cunha, Kazue Saito Monteiro de Barros e Ângela Paiva Dionísio), a quem agradeço os debates e as contribuições. Não posso esquecer também os bolsistas de iniciação científica que trabalharam comigo e sempre trouxeram desafios e contribuições que enriqueceram minha visão e compreensão das questões.

Muitas das idéias aqui desenvolvidas foram apresentadas em cursos de especialização em várias ocasiões a professores da rede pública de Pernambuco. Ou em minicursos em congressos de lingüística pelo Brasil afora. Em todos eles, sempre tive novas sugestões e idéias para reajustes e esclarecimentos com adaptações ao nível de conhecimento dos alunos.

Agradeço de modo particular aos meus alunos de *Lingüística 3* de semestres anteriores, que comigo discutiram esses temas e, em muitos casos, me forneceram sugestões e exemplos que foram sendo incorporados a estas notas. Sem essa contribuição, os materiais seriam bem menos atraentes e menos proveitosos.

Confio em que esta parceria continue neste e nos próximos semestres com intensidade ainda maior para um proveito cada vez mais enriquecedor.

Espero que estas notas de trabalho tragam a todos algum proveito e que ajudem a acompanhar as aulas com mais segurança e maior interação para que ocorra a desejável construção coletiva de conhecimento, superando a simples transmissão ou repetição do já sabido.

introdução geral

Mo conjunto, esta série de notas pretende mostrar o funcionamento da linguagem sob o aspecto *textual-interativo*, tanto na modalidade escrita como oral. Tem-se em vista a configuração lingüística e alguns elementos básicos, tais como a produção e a circulação de gêneros textuais e os processos de compreensão. Será importante chegar a resultados satisfatórios em relação a isto com uma visão integrada e com um conceito de linguagem que dê conta de seu funcionamento no fenômeno textual, já que é impossível qualquer manifestação lingüística fora do texto situado.

O curso inicia com algumas observações preliminares sobre a situação da lingüística no século XX, a fim de situar de modo sistemático o momento e a motivação do surgimento dos tópicos analisados. Não se trata, no entanto, de uma revisão completa da história da lingüística e sim de uma breve contextualização da posição aqui adotada. Daí a inevitável simplificação na exposição.

A perspectiva geral do trabalho situa-se no contexto do que hoje se convencionou chamar de *lingüística enunciativa*. A visão adotada toma a *língua como um conjunto de práticas enunciativas e não como forma descarnada*. De modo particular, esta afirmação acha-se em consonância com M. Bakhtin/V. N. Voloshinov (*Marxismo e filosofia da linguagem*)¹, quando os autores afirmam que toda enunciação humana, mesmo a mais elementar, é “organizada fora do indivíduo pelas condições extra-orgânicas do meio social” (M&FdaL, p. 107). Mesmo que realizada por um “organismo individual”, a enunciação humana é sempre um ato social, como se depreende desta observação:

1. Daqui para a frente, cito essa obra pela sigla M&FdaL, pela edição brasileira: *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1979. Quanto à autoria da obra, segundo Carlos Alberto Faraco, que segue uma tradição forte na atualidade, o único autor da obra é V. N. Voloshinov, mas se formos olhar a edição norte-americana, ali só consta M. Bakhtin. Diante disso, optei por conservar os dois autores, embora concorde com a visão de Faraco, que afirma que essa obra não é essencialmente bakhtiniana.

A enunciação enquanto tal é um puro produto da interação social, quer se trate de um ato de fala determinado pela situação imediata ou pelo contexto mais amplo que constitui o conjunto das condições de vida de uma determinada comunidade lingüística (M&FdaL, p. 107).

A tese central de Bakhtin/Voloshinov, que tentamos seguir também neste curso, é:

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas lingüísticas nem pela enunciação monológica e isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da *interação verbal*, realizada através da *enunciação* ou das *enunciações*. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua (M&FdaL, p. 109).

Em suma, concordamos com a posição de Bakhtin/Voloshinov exposta nestes termos:

A língua vive e evolui historicamente na *comunicação verbal concreta*, não no sistema lingüístico abstrato das formas da língua nem no psiquismo individual dos falantes (M&FdaL, p. 110).

Os autores negam, pois, que a *parole* (*fala*, *enunciado*), tal como definida por Saussure, seja um ato individual: ela é sempre um ato social. Do contrário, sequer seria compreensível.

Aspecto importante nesse contexto teórico é a noção de *dialogismo* como princípio fundador da linguagem: toda linguagem é dialógica, ou seja, *todo enunciado é sempre um enunciado de alguém para alguém*. Se assim não fosse, seria como uma ponte sem um dos lados para sustentação, o que a levaria à sua derrocada. Daí a noção de gênero como enunciado responsivo “*relativamente estável*”, o que está de acordo com a idéia de linguagem como atividade interativa e não como forma ou sistema.

Partilho aqui das posições de Carlos Alberto Faraco em estudo recente, onde sugere que o estudo da interação² na linguagem é essencial para se entender não apenas o funcionamento da linguagem, mas também o surgimento da própria subjetividade. É assim que se poderia afirmar, com Mead, que a construção do sujeito se daria como efeito da interação. Sem o tu, sem o outro, não se teria a noção do eu. Esta é também a posição de Vygotsky, para

2. Refiro-me ao texto *Interação e linguagem: balanço e perspectivas*, apresentado como conferência de encerramento do Congresso Internacional Linguagem e Interação, realizado na Unisinos (São Leopoldo – RS), de 22 a 25 de agosto de 2005.

quem primeiro temos as *representações coletivas* que depois se tornam *representações individuais*. Veja-se isto nas palavras de Faraco:

O que merece especial destaque em Mead é a sua concepção da linguagem não como estrutura, mas como ação — ação inter-subjetiva que, como tal, se internaliza e se torna ação intra-subjetiva. Processo semelhante defenderá Vygotsky para fundamentar sua teoria da cognição humana, isto é, a cognição vista como uma atividade que se dá primeiro na interação e é internalizada, trazendo para o interior o movimento do exterior.

Com isto, tanto Bakhtin como Vygotsky, Mead e os etnometodólogos, por caminhos e visões muito diversos entre si, retiram a reflexão sobre a língua do campo da estrutura para situá-la no campo do discurso em seu contexto sociointerativo. O fato de haver representações coletivas permite que possamos agir sem ter que negociar o tempo todo e possibilita a interação dando às nossas idéias um ar de “já visto”, tal como postula a noção de intertextualidade e outras. Neste caso, o *enunciado* se torna a *unidade concreta e real* da atividade comunicativa entre os indivíduos situados em contextos sociais sempre reais. Esta é a hipótese sociointerativa que pretendemos endossar nestas análises e que deve servir como pano de fundo geral.

Isto se reflete em pelo menos quatro pontos centrais:

- (a) na *noção de linguagem* como atividade social e interativa;
- (b) na *visão de texto* como unidade de sentido ou unidade de interação;
- (c) na *noção de compreensão* como atividade de construção de sentido na relação de um eu e um tu situados e mediados e
- (d) na *noção de gênero textual* como forma de ação social e não como entidade lingüística formalmente constituída.

Apropriando-me de uma passagem do citado trabalho de Faraco, alerta para os perigos que essa visão comporta. Assim como não se pode submergir num *determinismo internalista*, a tentação da visão estrutural e formal, também não se deve submergir no *determinismo externalista* do sociointeracionismo. A prudência nesses casos deve ser preservada. Vejam-se estes aspectos nas palavras de Faraco (2005):

Nesse sentido, parece que na área não podemos fugir do axioma de que o inter-subjetivo se torna intra-subjetivo, isto é, de que o movimento externo se torna movimento interno. A questão crucial é saber como se dá esse processo. Soluções integralmente deterministas não nos satisfazem. Parece que todos nós, interacionistas, queremos compreender a subjetividade como emergindo do social, queremos compreen-

der a interação como condicionada por vários fatores, mas, ao mesmo tempo, não queremos perder nem as singularidades da subjetividade, nem o novo, o inusitado, o imprevisível, o inesperado dos eventos de interação. Ou seja, nem o primado do indivíduo, nem o determinismo absoluto da estrutura.

George Mead, por exemplo, tentou fundamentar este não-determinismo por meio de duas grandes coordenadas. Primeiro, assumindo que o social nunca é um dado homogêneo, mas sempre heterogêneo. O social contém uma multiplicidade daquilo que ele chama de “outros generalizados” (que poderíamos entender como conjuntos de ações, representações, valores e atitudes que circulam numa determinada sociedade; ou o conjunto dos pré-construídos sócio-históricos).

Desse modo, nenhum sujeito fica confinado nos limites de um único outro generalizado, mas emerge de relações simultâneas ou consecutivas com vários outros generalizados, muitos deles opostos entre si, contraditórios, conflitivos. Essa realidade sempre heterogênea e cheia de contradições gera desequilíbrios e tensões que inviabilizam qualquer fechamento determinista mecânico dos processos interacionais e de seus efeitos.

Por outro lado, o caráter dinâmico (ativo e não-mecânico) do mundo interior também restringe o determinismo, na medida em que, a partir da contínua polarização entre o “me” e o “eu” (nos termos de Mead), geram-se respostas singulares e não totalmente previsíveis.

Em suma, a heterogeneidade e a contradição são os motores da relação externo/interno e da dinâmica do interno.

Este alerta é fundamental, pois a linguagem não é estrutura apenas, mas não é também um simples fruto de determinismos externos. A linguagem é vista, pelos interacionistas, sobretudo como *forma de ação* e, neste caso, deve ser analisada como atividade e não como estrutura, segundo observa Faraco. Mas, afirma o mesmo autor, “permanece entre nós o problema de como construir uma teoria que equacione estrutura e atividade; que case adequadamente, por exemplo, sentença e enunciado ou sentença/enunciado/enunciação”. Essa é a missão à qual nos dedicaremos aqui com a análise dos três grandes tópicos: *texto, gênero, compreensão*.

Em consonância com essas posições, a proposta central deste curso é mostrar que todo o uso e funcionamento significativo da linguagem se dá em *textos e discursos* produzidos e recebidos em situações enunciativas ligadas a domínios discursivos da vida cotidiana e realizados em gêneros que circulam na sociedade. Para atingir esse objetivo, são fornecidos elementos teóricos e práticos sobre a noção de texto e discurso, critérios de textualização e processos de produção textual. Além disso, será estudada a diversidade textual na fala e na escrita e a variedade de gêneros, bem como os processos de compreensão.

Tendo em vista o interesse aplicativo e o alto potencial prático que essas análises comportam, será dada, ao longo do curso, atenção especial aos *Parâmetros Curriculares Nacionais* (PCNs) nos momentos específicos de tratar a língua, o texto, os gêneros e a compreensão textual.

A idéia nuclear aqui desenvolvida é simples e pode ser assim expressa: *não existe um uso significativo da língua fora das inter-relações pessoais e sociais situadas*. Daí a linha geral do curso na perspectiva sociointeracionista já frisada acima. Isto quer dizer que todo uso autêntico da língua é feito em textos produzidos por sujeitos históricos e sociais de carne e osso, que mantêm algum tipo de relação entre si e visam a algum objetivo comum.

Hoje existem, no Brasil, muitas reflexões sobre esses temas, contudo, essas reflexões andam longe de serem consensuais e apresentam muitas divergências. Parece saudável tomar consciência desse fato e desenvolver reflexões que contribuam para uma melhor análise do tema sem a pretensão de esgotá-lo nem de resolver o problema. O que se oferece aqui é uma teoria geral para a análise integrada de tais questões.

Ao finalizar esta breve introdução, gostaria de chamar a atenção para um fato importante: considerando a imensa complexidade dos fatores intervenientes nos objetos aqui trabalhados, não é possível fazer observações nem análises da linguagem sem incorrer em algum tipo de imprecisão conceitual. Este é o preço que se paga para não incorrer em reducionismos do fenômeno tratado. Assim, o nosso ponto de vista será de tal modo construído a ponto de permitir uma visão multifacetada do funcionamento da linguagem dentro de um paradigma elástico que evita olhares redutores e preconcebidos.